

## **A RESISTÊNCIA DO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO O POTENCIAL DA ALIANÇA ESTRATÉGICA ENTRE O JORNALISMO E A ACADEMIA: ESTUDO DE CASO DO PROJETO “A GRANDE ILUSÃO”**

Pedro Coelho  
NOVA FCSH, ICNOVA, SIC

Marisa Torres da Silva  
NOVA FCSH, ICNOVA

**Resumo:** O nosso objeto de estudo é resultado de uma bolsa de investigação atribuída pela Fundação Calouste Gulbenkian para uma investigação jornalística sobre a extrema direita na Europa, onde o potencial da “aliança estratégica” entre o jornalismo e a academia, enquanto elo de defesa e agente de resistência do jornalismo de investigação, teve aplicação plena.

Neste capítulo, procuramos, pois, analisar em detalhe as dinâmicas produtivas de um projeto multidimensional, onde sobressai a formação de jovens jornalistas e as potencialidades de uma investigação em consórcio.

Examinamos, por outro lado, o modo como as tentativas de intimidação e de assédio ao jornalista de investigação fizeram parte do próprio processo produtivo, enquadrando este caso específico num quadro mais vasto de assédio aos profissionais de jornalismo nas sociedades democráticas atuais e, em particular, no contexto português.

Apesar dos efeitos negativos, acreditamos que a formação de um consórcio de jornalistas de investigação portugueses, em aliança estratégica com a academia, pode ser a solução que salvaguarde o futuro do jornalismo de investigação em Portugal.

Palavras-chave: jornalismo de investigação; aliança estratégica entre jornalismo e academia; jornalismo colaborativo; formação de jovens jornalistas; assédio e ataques a jornalistas; futuro do jornalismo

**Abstract:** Our case study is the result of a research grant awarded by the Calouste Gulbenkian Foundation for a journalistic investigation on the extreme right in Europe, where the potential of the “strategic alliance” between journalism and academia, as a defense link and agent of resistance of investigative journalism, had full application.

In this chapter, therefore, we seek to analyze in detail the productive dynamics of a multidimensional project, which highlights the training of young journalists and the potential of research in a consortium.

We examine, on the other hand, the way in which attempts to intimidate and harass investigative journalists were part of the productive process itself, framing this specific case in a broader context of harassment of journalism professionals in today’s democratic societies and, in particular, in the Portuguese context.

Despite the negative effects, we believe that the formation of a consortium of Portuguese investigative journalists, in a strategic alliance with the academy, may be the solution that safeguards the future of investigative journalism in Portugal.

Keywords: investigative journalism; strategic alliance between journalism and academia; collaborative journalism; training of young journalists; intimidation and harassment of journalists; future of journalism

## Introdução

Nos anos 80 do século passado, o mercado das notícias abraçou um novo paradigma. “Altamente tumultuoso” e “competitivo” (Garcia, 2009, p. 26), o campo dos media jornalísticos secundarizou o interesse geral e abraçou uma lógica estritamente financeira, orientada pela maximização do lucro (McManus, 1994).

Nesse ambiente, o lucrativo negócio das notícias começou a ser disputado por um cada vez menor número de empresários. A concentração dos media alimentou um circuito fechado de produção informativa cada vez mais distante do público, cada vez mais próximo da receita sensacionalista que garantia as elevadas margens de lucro.

O australiano Rupert Murdoch, revelando uma pulsão para investir em jornais, conseguiu colocar debaixo da mesma marca títulos populares e de referência, usando “o boato e a coação” para uniformizar identidades profissionais e editoriais distintas, estabelecendo, como escreve o autor da biografia do empresário – autorizada, mas não aprovada – “uma cultura que obriga os subordinados a fazerem o que o patrão exige” (Wolff, 2010, p. XXIV).

Esta cultura empresarial está na raiz do desinvestimento no jornalismo de investigação que começámos a observar, igualmente, nas duas últimas décadas do século passado. Quando incluiu o *Wall Street Journal* no portfólio da *News Corp.*, em 2007, Rupert Murdoch esforçou-se, desde logo, por quebrar os vínculos do jornal com a investigação. Ninguém ficou com dúvidas depois da intervenção que o empresário fez numa conferência:

Parem de escrever artigos para conquistarem Pulitzers. Deem às pessoas o que elas querem ler e tornem isso interessante (*apud* Starkman, 2014, p. 296).

Numa análise separada por 15 anos, James T. Hamilton e Érick Neveu destacam a forma como o jornalismo de investigação é, ao mesmo tempo, valorizado, pelo público e pelos próprios jornalistas, mas insuficientemente praticado (Hamilton, 2016, p. 14; Neveu, 2001, 2004, p. 129).

Os empresários de media, como Murdoch, exigem receitas imediatas e efêmeras, dispensando, por um lado, a hostilidade financeira tantas vezes inerente aos trabalhos de investigação, quando estes põem em causa interesses dos anunciantes e, por outro, dispensando o potencial de processos judiciais que a investigação inevitavelmente transporta. Para justificarem o desinvestimento na investigação jornalística, os mesmos empresários acrescentam outros três argumentos: o tempo e o custo envolvidos nestes trabalhos, mais a incerteza do seu desfecho.

Produzir um trabalho original, socialmente relevante, com o propósito de desocultar a verdade escondida (Hamilton, 2016, pp. 10, 15, 32) “deliberadamente ocultada” (Anderson e Benjaminson, 1976, p. 3) e “escrutinar o exercício do poder” (Starkman, 2014, p. 9) requer um trabalho intenso e transparente de verificação (Kovach e Rosenstiel, 2010, p. 72), que produza uma prova capaz de resistir a pressões, externas e internas, que ameacem silenciar a investigação. A dimensão desse compromisso eleva o estatuto do jornalismo de investigação a uma “forma superior de jornalismo” (Coelho e Silva, 2018, p. 82).

Se os proprietários dos media jornalísticos vacilam ante a dimensão deste potencial, também a maioria dos jornalistas escapa ao confronto e às pressões inerentes. Resistem os que persistem, os que se reerguem a cada fracasso, os determinados. O jornalista de investigação revela “uma personalidade específica” (Anderson e Benjaminson, 1976, p. 3), utiliza um “método pessoal para disciplinar a curiosidade”, baseado no “conhecimento cético” (Kovach e Rosenstiel, 2010, p. 153), uma fórmula que lhe permite avançar na investigação elegendo a dúvida como luz orientadora; ou como destacava Homer Bigart, jornalista norte-americano, transportando a “ignorância

no bolso”: o repórter deve partir para cada história como se nada soubesse dela, aceder diretamente à prova e jamais aceitar versões de outras pessoas (*apud idem*, p. 27).

“Eu duvido disso”, era aliás essa a frase âncora do jornalista de investigação Pat Stith, vencedor de um *Pulitzer*, em 1996, e com uma carreira de 42 anos na investigação jornalística, 37 dos quais no *News Observer*, um diário do Estado norte-americano da Carolina do Norte. “A dúvida”, conclui T. Hamilton, “é o mantra do jornalista de investigação” (2016, p. 208).

Hamilton faz uma análise detalhada do compromisso que Pat Stith estabeleceu com a investigação jornalística (2016, pp 208-278). Stith não foi uma estrela mediática, nunca se deixou levar pela tentação de sair do Estado natal e abraçar a fama e a glória das grande metrópoles norte-americanas, mas as reportagens de investigação que fez causaram impacto social profundo na comunidade. Se, como observa Hamilton,

um dólar investido ... no jornalismo de investigação pode gerar centenas de dólares em benefícios para a sociedade quando as políticas públicas mudam (*idem*, p. 279),

as quatro absorventes décadas de investigação de Pat Stith geraram mais de 4.7 milhões de dólares em benefícios para a comunidade (*idem*, p. 229). As reportagens de Stith salvaram vidas, mudaram outras, criaram leis, alteraram outras, despediram funcionários corruptos, readmitiram profissionais injustamente despedidos...

É certo que, na maior parte dos casos, o impacto gerado pelas reportagens de investigação não se traduz em ganhos diretos, e imediatos, para os órgãos de comunicação social que aceitam o desafio de investigar, mas, como reconhece Philippe Meyer, o investimento acabará por compensar porque a “qualidade traz associado sucesso empresarial” (2004, p. 79).

## **A aliança estratégica entre o jornalismo e a academia: A Grande Ilusão**

A relevância social do jornalismo investigação exige-nos, a jornalistas, professores de jornalismo, alunos, uma reflexão aprofundada sobre as soluções que participem na preservação dessa forma superior de jornalismo, como a caracterizámos.

Neste capítulo analisamos o potencial da “aliança estratégica” entre o jornalismo e a academia (Coelho, 2015, p. 588) enquanto elo de defesa e agente de resistência do jornalismo de investigação. Na investigação jornalística onde estivemos envolvidos, sobre o crescimento da extrema direita em Portugal, Espanha, Itália e França, partimos desse conceito, tentando explorar todas as suas virtudes:

A aliança estratégica que preconizamos é um novo lugar de interseção entre a reflexão e a prática; entre o teste e o erro; entre velhas e novas receitas, velhos e novos perfis (*idem*, p. 590).

Esta aliança reflete, afinal, um desafio lançado, há muito, por Stephen Reese:

Quando o prestígio e a credibilidade dos media entram em declínio, a academia é o lugar onde a influência pode ser exercida, em nome da recuperação do respeito. Assim, a indústria encontra-se no estranho papel de precisar de ser criticada (1999: 77).

Algumas evidências, passíveis de serem analisadas criticamente, se sobrepujaram, exortando-nos a explorar a tal aliança.

A crise do jornalismo deixou os empresários de media, no mundo inteiro, muito dependentes das empresas de consultoria que, regra geral, sugeriram cortes profundos nas redações, forçando a saída da geração mais madura, mais experiente e com maior capacidade de liderar ações de formação internas. Estas saídas tiveram, igualmente, um efeito direto no jornalismo de investigação. Se, por um lado, a redação está a desinvestir na formação interna, por outro, à geração mais nova está vedado o acesso à investigação.

Como constata T. Hamilton, “a média de idade dos premiados com *Pulitzers*, associados à investigação jornalística, subiu cerca de 10 anos desde a década de 80” do século passado (2016, p. 57).

O desinvestimento a que assistimos no jornalismo de investigação no mundo inteiro adquire contornos mais agudos num país como Portugal, onde um mercado frágil tem ainda menos disponibilidade para explorar matérias jornalísticas complexas, que exijam tempo, meios humanos apetrechados, capacidade para resistir às pressões dos processos ou dos anunciantes.

A este propósito o mercado norte-americano é paradigmático. T. Hamilton recorre de novo à lista dos premiados com o *Pulitzer* para concluir que, a partir da primeira década do século XXI, metade dos órgãos de comunicação social distinguidos integram os cinco maiores conglomerados nacionais. Na década de 90, apenas 30 por cento dos premiados estavam neste *top 5*. Isto significa, conclui o autor, que os media jornalísticos locais, associados a mercados mais frágeis, perdem protagonismo em matéria de investigação jornalística (*idem*, pp. 9, 10).

Hamilton observa, igualmente, que a investigação jornalística nos Estados Unidos da América é, cada vez mais, um compromisso assumido pelos media não lucrativos, pelas universidades e pelos media especializados (*idem*, p. 15).

Começamos a assistir a um fenómeno semelhante em Portugal. O nosso objeto de estudo, que avaliaremos em detalhe, é, aliás, resultado de uma bolsa de investigação atribuída pela Fundação Calouste Gulbenkian. Mas a realidade portuguesa vai assistindo, igualmente, ao despontar de projetos alternativos, desengajados dos grupos de media tradicionais, que recorrem ao *crowdfunding* para financiarem investigações jornalísticas potencialmente geradoras de impacto social.

Na investigação que fizemos sobre a extrema direita na Europa, e que resultou numa série de cinco Grandes Reportagens exibidas pela SIC entre janeiro e abril de 2021 (complementadas com a expressão *online* do

projeto, através de um especial alojado na SIC Notícias, Extremos<sup>1</sup>, lançado em outubro de 2020), tentámos ultrapassar os constrangimentos que limitam o jornalismo de investigação em Portugal estabelecendo uma aliança estratégica com a academia. Mesmo que tenhamos recorrido a outros instrumentos que tornaram a investigação possível, a montante dessa opção está a decisão estruturante de estabelecemos uma articulação entre a Direção de Informação da SIC e a variante de jornalismo do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH).

Desta aliança estratégica resultou um “espaço de diálogo” onde nenhuma das entidades (ou os seus representantes) teve de abdicar da identidade que as molda. Reafirmámos “as especificidades” da academia e do jornalismo para aproveitarmos “o melhor dos dois mundos” (Coelho, 2018, p. 96). Como Brooke Kroeger nos alertava em 2002 “as ferramentas de um repórter podem ser instrumentos de precisão nas mãos de um académico”, da mesma forma que “os métodos de pesquisa da academia são fundamentais para o jornalista”<sup>2</sup>. Nesta nossa investigação, este princípio teve aplicação plena. Hamilton deteta a mesma complementaridade entre o jornalista de investigação e o académico, sobretudo ao nível do método e da dimensão do desafio com que ambos se deparam:

Um jornalista com um conjunto de emails, uma pilha de formulários, diversos arquivos áudio e vídeo e uma coleção de documentos eletrónicos enfrenta um desafio semelhante ao de muitos investigadores académicos: como transformar informação em bruto em dados estruturados que possam ser analisados? (2016, p. 288).

O motor que aciona qualquer reportagem de investigação é sempre o mesmo – o impacto que a história terá no público (Hoxha, 2019, p.1). Mesmo que a investigação não demita funcionários corruptos, participe no desmantelamento de uma rede criminosa, ponha termo a um qualquer ato lesivo do

1. <https://sicnoticias.pt/especiais/extremos>

2. <http://journalism.nyu.edu/publishing/archives/debate/forum.1.index.html>



interesse geral... Mesmo que a história não garanta prémios aos jornalistas envolvidos, ou o reconhecimento dos pares... um impacto igualmente nobre, mas bem mais tangível e singelo se afirma:

esclarecer os factos tem valor em si mesmo. O jornalismo sério, cuidadoso e honesto é essencial, não por ser uma luz orientadora, mas porque é uma forma de comportamento honrado que envolve o repórter e o leitor (Gellhorn, 1959/2007, p. 420).

Martha Gellhorn, jornalista de muitas guerras, cúmplice do detalhe e do método, aprendeu com a maturidade profissional que o jornalista, mesmo que a história lhe saia das entranhas e lhe contamine a vigília e o sono, *não pode estar à espera de mudar o mundo a cada trabalho que faz*. Com o tempo, Gellhorn aprendeu a valorizar o cumprimento do contrato com o leitor. As entidades diretamente visadas nos artigos de Gellhorn reagem como se estes tivessem sido “escritos com tinta invisível, impressos em folhas de árvores e soltos ao vento” (*idem*, p. 418).

### **Estrutura do consórcio, etapas da investigação e dinâmicas produtivas**

Ao observarmos os sinais do crescimento da extrema direita na Europa, que sobressaem nas diversas camadas da sociedade, e preocupados com os efeitos na massa indistinta – ao mesmo tempo crítica e distante da política e da ação política – da mensagem anti poder e antissistema propagada pelas lideranças extremadas dos partidos desse espectro político, decidimos investigar este fenómeno.

O tema enquadra-se no território mais aliciante e desafiador de qualquer investigação jornalística: o das histórias suscetíveis de gerar “um elevado impacto, mas difíceis” de fazer (Hamilton, 2016, p. 28).

Um desafio intangível para um jornalista solitário, ainda para mais, repórter de uma estação de televisão imersa, como os demais órgãos de comunicação social portugueses, no reflexo duradouro da quebra de receitas publicitárias e condicionada pela ditadura das audiências, que força abordagens jornalísticas suaves e apelativas.

Esse jornalista solitário posiciona-se, todavia, entre dois mundos, o jornalismo e a academia. A aliança estratégica que aqui preconizamos foi desenhada a partir desse hibridismo e reclamada pela dimensão do desafio.

O tempo da inquietação que gerou a ideia coincide com o lançamento das segundas bolsas de jornalismo de investigação, atribuídas pela Fundação Calouste Gulbenkian. E o jornalista-professor-investigador desafiou a professora-investigadora das dinâmicas atuais do discurso de ódio *online* – e, em conjunto, preparámos uma candidatura onde sistematizámos o método de trabalho e definimos o perfil da equipa que haveríamos de formar se conquistássemos a bolsa. Conquistámos a bolsa em novembro de 2019, e a reportagem sobre a extrema direita europeia, projetada no âmbito da aliança estratégica entre jornalismo de investigação e investigação académica, tornou-se uma realidade.

Hamilton, como salientámos, refere que a investigação jornalística nos Estados Unidos da América, sobretudo aquela que é feita fora dos cinco grandes conglomerados jornalísticos já é, em grande medida, suportada por entidades não lucrativas. Esse financiamento tem, todavia, uma especificidade que o autor, igualmente, destaca: os doadores que suportam os projetos não lucrativos escolhem as histórias que financiam em função do impacto que elas possam gerar (*idem*, p. 15).

Neste particular, a Fundação Calouste Gulbenkian, ao atribuir as bolsas de jornalismo de investigação reflete o propósito de “promover a independência na investigação jornalística como contributo para uma sociedade mais informada”<sup>3</sup>, mas não avalia, diretamente, o impacto dos projetos selecionados, uma vez que a seleção das investigações distinguidas é feita por um júri independente, composto por jornalistas e académicos.

A aliança entre a prática do jornalismo de investigação e a academia, através da participação de estudantes e professores de jornalismo, estava já patente no texto da candidatura à bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e foi

3. <https://gulbenkian.pt/investigacao-jornalistica/>

através dela que essa convergência se concretizou, nos diversos estádios da produção jornalística: acesso à informação, filtragem, edição, distribuição e interpretação (Domingo *et al.*, 2008). Como prevíamos no documento que foi avaliado pelo júri,

de modo colaborativo, a participação dos estudantes de jornalismo operar-se-á, a título de exemplo, a) na pesquisa e análise de informação (...); b) em breves missões de observação do trabalho de campo e de reportagens no terreno; c) na produção de trabalhos jornalísticos, em vários formatos, sob a orientação dos docentes de jornalismo envolvidos e da equipa de jornalistas da SIC associada ao projeto; d) na disseminação e visibilidade conferida a esses mesmos trabalhos nas diversas plataformas envolvidas (...); e) em reuniões conjuntas com docentes da área de jornalismo e com os jornalistas da equipa, com vista a debater o tratamento e a investigação jornalística do tema (...). É uma proposta que pretende, pois, romper o colete de forças que tem conduzido o debate espúrio à volta da dicotomia teoria/prática no ensino do jornalismo e, acima de tudo, gastar tempo e recursos na missão de formar novos jornalistas que participem na reconstrução do jornalismo, fazendo-os ganhar competências ao nível do jornalismo de investigação e das suas especificidades (ao nível do seu tempo de execução, do envolvimento e da capacidade de resistência do jornalista, entre outras).

O próximo passo consistiu em escolher os alunos a associar ao projeto. De entre o conjunto de estudantes partilhados por ambos os professores, selecionámos quatro alunos do último ano da licenciatura em Ciências da Comunicação da NOVA FCSH (variante de jornalismo), com perfis diversificados, adequados aos objetivos da investigação, tendo em comum hábitos de trabalho, empenho, qualidade e nível de entrega muito acima da média. Aos professores e alunos, juntaram-se também, e em diferentes fases do projeto, profissionais da SIC (repórter de imagem, duas jornalistas da SIC Notícias *online*, um editor de imagem e uma infografista) e ainda dois ex-alunos do mestrado em Jornalismo da NOVA FCSH, que exerceram funções de jornalistas freelancers em Itália.

Com base no ângulo de abordagem definido, alunos e jornalistas distribuíram-se inicialmente por pequenos grupos, que replicaram as geografias a explorar: duas alunas ficaram com Portugal; um aluno ficou com Espanha; uma aluna e uma jornalista da SIC Notícias Online ficaram com França, dando apoio à jornalista freelancer em Itália. A professora-investigadora ficou responsável pela coordenação da pesquisa no âmbito do enquadramento teórico; o professor-jornalista assumiu a responsabilidade de sistematização do trabalho de pesquisa e da sua associação ao ângulo de abordagem; e a coordenadora da SIC Notícias Online pensou no desenho do especial a integrar no site. O repórter de imagem e o professor-jornalista iam refletindo sobre a abordagem formal a empreender aos conteúdos visuais.

Foi feita uma recolha exaustiva e respetiva sistematização de material bibliográfico para uma compreensão sólida e sustentada teoricamente do fenómeno da extrema direita europeia e das complexidades a ele associadas, identificando, ao mesmo tempo, possíveis fontes e especialistas a contactar.

Nas reuniões, de cadência quinzenal, a equipa de alunos e professores discutia temas e métodos de ação, definia e redefinia calendários, sub-ângulos de abordagem e linhas de pesquisa, identificando momentos-chave e protagonistas nos quatro países selecionados.

Em cada país ia sendo produzida uma linha do tempo onde eram identificados e apensos os materiais (texto, vídeo, materiais provenientes de redes sociais) associados a cada momento. Episodicamente, eram recolhidos e arquivados registos e imagens de acontecimentos de atualidade ligados aos quatro partidos objeto da investigação – o Chega (Portugal), o Vox (Espanha), a Lega (Itália) e a Rassemblement National (França). A equipa mantinha um arquivo organizado por pastas e sub-pastas, a que todos tinham acesso e onde iam sendo depositados materiais associados a episódios marcantes, estudos de caso, artigos e fichas de leitura, perfis, linhas de investigação, guiões, resumos, contactos, fotografias, vídeos e outros documentos. Foi também criado um grupo numa aplicação de mensagens instantâneas, onde professores, alunos, jornalista da SIC Notícias Online e repórter de imagem

partilhavam diariamente ideias, artigos, informações relevantes e possíveis pistas. Esta rede informal foi particularmente relevante para sustentar o dinamismo do grupo, numa interação intergeracional muito profícua na construção de pensamento crítico.

Nas diversas etapas do projeto, o consórcio organizou-se de formas diversificadas, de acordo com o próprio processo da investigação e com os seus constrangimentos – a começar pela pandemia de Covid-19, com o primeiro período de confinamento rigoroso, a partir de março de 2020, a trazer entraves à fase de produção. A ida para o terreno nas várias geografias foi assim redefinida face ao que tinha sido inicialmente previsto e a equipa foi fixando as datas de deslocação a Itália, França e Espanha em função de acontecimentos importantes previstos nos respetivos países. A partir de setembro de 2020, a ida para o terreno foi feita a tempo inteiro, durante três meses, até final de novembro. Os alunos estiveram várias vezes no terreno com a equipa, no apoio direto ao professor-jornalista e ao repórter de imagem, levando consigo o conhecimento acumulado das geografias que cada um tinha estudado.

Paralelamente, a partir de outubro de 2020, foi lançado o especial Extremos, na SIC Notícias Online, onde foram publicados, com uma periodicidade quinzenal, trabalhos jornalísticos, de alunos e professores, abordando temáticas adjacentes ao ângulo de investigação.

A edição das reportagens foi antecedida de diversas reuniões entre todos os elementos da equipa, onde foram percorridos e selecionados os conteúdos que haveriam de ser destacados. O conhecimento que cada um dos elementos da equipa tinha sobre os países que acompanhavam revelou-se, de novo, essencial no visionamento e seleção dos 4,5 terasbytes de imagens recolhidas ao longo de quinze meses de trabalho, sendo que a transcrição do visionamento aproximou-se das 500 páginas A4. O processo de escrita do guião das grandes reportagens revelou, porém, algum isolamento para o jornalista; ainda assim, foi apoiado de perto pelos alunos.

Na fase de edição, associou-se à equipa um editor de imagem a quem coube a tarefa de editar as cinco grandes reportagens, seguindo o texto/estrutura do jornalista. A autonomia do editor permitiu que a recolha, a captação de imagens e a própria investigação continuassem ao mesmo tempo que a edição avançava. A edição das primeiras duas reportagens durou cinco semanas. A edição das restantes três durou dois meses e meio. O editor de imagem participou, ainda, no especial “Extremos”, ajudando os alunos na construção dos conteúdos visuais que tinham a cargo. No momento em que começa a edição associa-se à equipa uma infografista que, seguindo um detalhado guião de materiais selecionados pelo jornalista, constrói todo o edifício gráfico das reportagens. Depois de editadas, na fase de pós-produção, as reportagens são sujeitas a um tratamento de som e de cor, concretizados por dois técnicos especializados.

### **Um projeto de formação de jovens jornalistas**

A bolsa permitiu-nos, pois, formar uma equipa de quatro alunos de jornalismo da NOVA FCSH e dois ex-alunos do mestrado em jornalismo da mesma escola, ambos a residirem em Itália, a realidade europeia que se afigurava, pelas pesquisas que tínhamos feito, mais determinante para compreendermos o fenómeno da extrema-direita na Europa. A investigação jornalística transeuropeia precisa de quem consiga criar linhas diretas de acesso à prova, escondida nos lugares que a distância, a língua, a *praxis* tornam ainda mais inacessíveis.

Ao mesmo tempo que o projeto adquiria uma dimensão jornalística profunda, plenamente posicionada no terreno, essa ação profissional revelava-se produto do tal espaço de diálogo, que antes caracterizámos, pleno de diversidade (profissional, geracional). O esteio da dinâmica criada foi o método, comum às investigações jornalística e académica, que usámos para, citando de novo Bill Kovach e Tom Rosenstiel, disciplinar a curiosidade e, acrescentamos nós, desocultar a verdade escondida que alimenta o crescimento da extrema direita na Europa.

Entre as diversas dimensões do projeto há uma que sobressai, a da formação. Jornalistas e académicos participaram, em conjunto, no processo de formação dos quatro alunos de licenciatura e dos dois ex-alunos de mestrado. No lugar onde os seis se encontram, a um passo de entrarem no mercado de trabalho, este projeto, espécie de antecâmara entre a academia e a profissão, foi desenhado também com o propósito de lhes permitir aplicar conhecimentos adquiridos, promovendo, a cada um, através da dinâmica do teste e do erro, incursões acompanhadas nas diversas etapas do trabalho jornalístico. Também na vertente da formação, os quatro alunos de licenciatura tiveram a oportunidade de converter a sua experiência no projeto numa unidade curricular de opção livre (estágio), cuja avaliação consistiu num relatório que visou a interseção entre a reflexão teórica em torno de temas relacionados com os estudos de jornalismo, as próprias temáticas de objeto de investigação jornalística e, por outro lado, as atividades desempenhadas durante o estágio.

Num esforço de adaptação às necessidades do mercado, que reclama neófitos comprometidos com o fazer (Nolan, 2008, pp 733, 734), a vertente de jornalismo dos cursos de ciências da comunicação e os cursos de jornalismo em Portugal reforçaram a componente prática nos respetivos projetos formativos. Se esse reforço surgiu, e mantém-se em muitos casos, desvinculado do campo mais reflexivo, subsistindo um fosso entre unidades curriculares teóricas e práticas (Coelho, 2015, p. 505), também é certo que, excluindo o estágio<sup>4</sup>, nas licenciaturas que o mantêm, a aproximação acompanhada dos alunos ao mercado, “de forma faseada e progressiva”, simplesmente não ocorre (*idem*, p. 533).

A dimensão laboratorial deste projeto deu aos alunos a possibilidade de experimentarem todos os passos da investigação jornalística, contribuindo para atenuar a distância que cada um tinha relativamente à prática profissional.

4. No estudo publicado em 2015, Coelho identifica, no que concerne aos estágios, duas tendências comuns aos seis cursos que analisou: os estagiários entrevistados cortaram os laços com a escola durante o período de estágio, sem que os orientares da escola tentassem inverter esse processo de afastamento; consumado o corte, os alunos entrevistados não sentiram motivação para regressarem à escola para prosseguirem a formação no segundo ciclo (pp. 532, 533).

## A importância de uma investigação em consórcio

Se a aliança estratégica que estabelecemos entre a academia e o jornalismo de investigação nos permitiu criar um espaço de diálogo, perpassado pela dúvida e guiado pelo método, que foi o motor de toda a nossa investigação, a forma como nos organizámos, em consórcio, ajudou-nos a ampliar o ângulo do objeto e, sobretudo, garantiu-nos o detalhe e a articulação entre as diversas camadas do objeto. E é o detalhe que torna único qualquer trabalho de investigação jornalística.

Richard Sambrook destaca, exatamente, que a colaboração – entre organizações, entre jornalistas – “reforça o jornalismo de investigação” porque aumenta “a escala da investigação” (2017).

No consórcio que formámos, as diferenças de estatuto (professores, alunos, jornalistas) não determinou a criação de uma estrutura hierarquizada, de comando vertical. O nosso grupo de diálogo adotou, ao invés, a estrutura horizontal própria dos consórcios jornalísticos e inerente ao jornalismo colaborativo (Coronel, *apud* Nakhlawi, 2018)<sup>5</sup>.

Os consórcios de jornalistas profissionais, associando diferentes plataformas, diferentes ritmos de trabalho, diferentes linhas editoriais, muitas vezes diferentes países, transportam um potencial de tensão, atenuado, por um lado, pela relevância da investigação em curso, por outro, pelo apertado conjunto de regras, que exclui os que não as cumprem. Os jornalistas do consórcio não são concorrentes, não competem entre eles pelo exclusivo jornalístico; apesar das diferenças que os separam, ou sobretudo por causa delas, colaboram.

Neste contexto, Sambrook e Alfter destacam a relevância de uma nova figura, o “intermediário neutral, ou anfitrião” (Sambrook, 2017), ou “coordenador editorial neutral” (Alfter, *apud idem*), a quem compete estabelecer prazos, definir prioridades, atribuir tarefas, monitorizar o cumprimento das mesmas.

5. Nakhlawi, R. (2018). Dangerous Situations, Collaboration And Humility: Highlights From ‘Safeguarding The Truth’. Retrieved from ICIJ Blog: <https://www.icij.org/blog/2018/10/dangerous-situations-collaboration-and-humility-highlights-from-safeguarding-the-truth/>



A especificidade do nosso consórcio liberta-o desse potencial de tensão, contudo, a necessidade de cumprirmos prazos de publicação da matéria jornalística, que íamos produzindo, nas três plataformas de distribuição do universo SIC, determinou que a coordenação neutral ficasse a cargo da professora-investigadora (SIC Notícias Online, especial Extremos) e do jornalista-professor-investigador (SIC e SIC Notícias, A Grande Ilusão).

### **O lado negro de A Grande Ilusão: o jornalista como vítima de ataques e ameaças *online***

Olhamos agora, especificamente, para o modo como as tentativas de intimidação e as ofensas à equipa de reportagem da SIC, que passaremos em seguida a documentar, fizeram também parte do processo produtivo. Procuraremos, para além disso, enquadrar este caso particular num contexto mais vasto (e crescente) de assédio aos profissionais de jornalismo nas sociedades democráticas atuais e, ainda, no contexto português no que respeita à atuação do partido político de extrema-direita Chega em relação ao jornalismo e aos jornalistas. Para o efeito, entrevistámos a presidente da Comissão de Carteira Profissional dos Jornalistas (CCPJ), Leonete Botelho, e o grande repórter da revista *Visão*, Miguel Carvalho, também ele autor de uma série de grandes reportagens de investigação em torno dos bastidores do Chega, publicadas entre julho e dezembro de 2020.

A exibição de A Grande Ilusão ocasionou uma série de insultos dirigidos em particular ao jornalista Pedro Coelho, logo após a emissão das duas primeiras grandes reportagens (“O ódio saiu do armário” e “Cifrões e outros demónios”), em janeiro de 2021 – mas, ainda antes da emissão da primeira grande reportagem, o repórter da SIC já tinha recebido ameaças diretas por parte de dirigentes do partido<sup>6</sup>.

6. <https://sicnoticias.pt/especiais/extremos/2021-01-05-Recebemos-ameacas-de-dirigentes-do-Chega-mas-o-jornalismo-nao-vai-ficar-em-silencio>

No âmbito do Conselho da Europa, a plataforma que visa compilar, processar e disseminar informação acerca de ataques à liberdade de imprensa e segurança dos jornalistas nos respetivos Estados membros (Platform to promote the protection of journalism and safety of journalists) emitiu um alerta no dia 27 de janeiro de 2021 (nº 12/2021)<sup>7</sup> em que reportava uma série de “insultos, assédio e ameaças *online*”, a maioria dos quais no Facebook, aos autores das grandes reportagens (Pedro Coelho, José Silva e Andres Gutierrez) por parte de anónimos, apoiantes e dirigentes do Chega, incluindo “posts de ameaças de violência física a [Pedro] Coelho, sugerindo que [o jornalista] devia ser espancado, violado ou fuzilado.”

Reproduzimos, aqui, apenas algumas das mensagens mais violentas recebidas por Pedro Coelho: “Uma corda ao pescoço ainda era pouco”; “Coelho? Cuidado pode levar um tiro de um caçador!”; “Precisavas de um pau de Marmeleira pelas orelhas abaixo pelas mentiras que inventas. Palmera!”; “ E bem merece umas no trombone”; “Se te apanho... levas mesmo...”; “Triste, triste, triste tão triste que até apetece cortar os pulsos (os dele, claro!)”; “quando começar a caça avisem que estou a afiar a forquilha”; “Se Jorge Coelho podia, também posso: Quem se mete leva e não é pouco”; “Tarde ou cedo... tarde ou cedo... aguardem” [tweets de Luc Mombito, um dos dirigentes do Chega visados nas grandes reportagens]; “ Este Rato Albino, vai ter um xi-coração apertadinho quando o vir. Gosto tanto de ratos, assim como do esgoto em que vivem!!!” [post no Facebook de Nuno Pit Pontes, vice-presidente do Chega Porto].

O que sucedeu na sequência da exibição de A Grande Ilusão não é, porém, e infelizmente, um episódio isolado. O relatório de 2021 da plataforma do Conselho da Europa dá conta de um aumento dramático do assédio *online* e ameaças a jornalistas nos últimos dois anos: com efeito, o número de alertas duplicou entre 2019 e 2020 (Platform to Promote the Protection of Journalism and Safety of Journalists, 2021, p. 53). De acordo com o mesmo relatório, as mulheres jornalistas têm sido um alvo particularmente vulnerável a abusos e

7. <https://go.coe.int/lVtOn>

insultos genderizados, mas também jornalistas que cobrem tópicos sensíveis e que são alvo de campanhas muitas vezes orquestradas por contas de redes sociais de extrema-direita ou até desencadeadas por figuras políticas.

Silvio Waisbord, professor na Universidade George Washington (EUA) e autor de mais de mais de uma centena de artigos científicos sobre jornalismo de investigação, políticas dos media ou mudança social, considera que, em particular, o que denomina como a “censura da multidão” (*mob censorship*, no original), perpetrada por indivíduos anónimos e/ou grupos organizados e difundida através de plataformas *online*, traz sérias ameaças aos jornalistas e à sua liberdade de expressão, instigando o medo e desencorajando o discurso livre, enquanto modo *low cost* de intimidação e de disciplina sobre os jornalistas, que não exige coordenação centralizada nem tempo prévio de preparação (Waisbord, 2020, p. 1032 e seguintes).

Para o mesmo autor, o assédio *online* a profissionais de jornalismo, que qualifica como fenómeno em crescendo no contexto global de condições cada vez mais preocupantes para a prática e segurança do trabalho jornalístico, deve ser entendido como resultado da combinação de três fatores, enquanto fenómeno específico das sociedades digitais e, nessa medida, diferente de outras formas de censura mais centralizadas: o acesso fácil aos jornalistas, por parte do cidadão comum, através de plataformas digitais; a ubiquidade das culturas de *trolling* e de ódio; e, ainda, a demonização, por parte de movimentos populistas, dos media *mainstream* (Waisbord, 2020, p. 1031). Com efeito, são reconhecíveis nos movimentos da direita radical populista e de extrema-direita tentativas de deslegitimar o próprio jornalismo, muitas vezes mobilizando formas de expressão profundamente hostis em relação aos jornalistas e fomentando um sentimento anti-media (Krämer & Langmann, 2020, pp. 5645-5646) – o que não é surpreendente, tendo em conta a perceção dos media noticiosos enquanto “inimigos do povo”, diabolização que se encaixa perfeitamente na visão binária e conflitual do “povo” contra as “elites” (Waisbord, 2020, pp. 1036-1037). Em Portugal, e usando as palavras de Miguel Carvalho, “na versão oficial do Chega o jornalismo está ao serviço de uma agenda governamental ou da oposição para [o] destruir.”

Waisbord alerta também para a distinção que deve ser feita entre *trolling* anti-media (enquanto forma de comportamento anti-social cujo propósito é provocar, denegrir, assediar ou hostilizar) e crítica dos media ou do jornalismo: para o autor, o *trolling* anti-media não é uma forma de refletir criticamente sobre a performance dos media nas sociedades democráticas, num exercício de escrutínio e responsabilização que tem por base o diálogo construtivo para melhorar a prática jornalística (e partilhando normas como a civilidade, a tolerância ou a equidade discursiva), mas sim um modo de expressão antagonista, inflamado, beligerante e, sobretudo, hostil e odioso, usando a toxicidade e as acusações não fundamentadas para disciplinar os jornalistas e “colocá-los no seu lugar” (Waisbord, 2020, pp. 1035-1036).

No caso português, o universo que rodeia o partido político Chega (populista e de extrema-direita) tem sido profícuo em ações de intimidação em relação a jornalistas, que chegaram até a ser mais diretas e contundentes no contexto da campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 2021, em que o líder do partido, André Ventura (AV), foi candidato.

Mas, no caso de Miguel Carvalho, jornalista da *Visão*, este clima de hostilidade evidenciou-se logo após a publicação do seu primeiro trabalho jornalístico de investigação sobre o Chega, em julho de 2020:

Na sequência da saída da primeira reportagem, surgiu um clima mais intimidatório. Comecei a receber quase diariamente dezenas de perfis falsos a pedirem-me amizade. Há um conjunto de coisas que passaram a acontecer depois das primeiras coisas saírem. Mas isso é o culminar de uma estratégia que visa claramente intimidar o escrutínio jornalístico, vindo de um partido que supostamente vem para moralizar a política e escrutinar o regime, como o próprio líder diz, mas parece lidar muito mal com o escrutínio jornalístico das suas próprias atividades e posições.

Um dos ataques partiu do próprio Ventura, o que vai ao encontro daquilo que sucede noutros países europeus, onde por vezes são as próprias figuras políticas a desencadear campanhas contra jornalistas (Platform to Promote the Protection of Journalism and Safety of Journalists, 2021):

Na sequência das três reportagens de investigação, à medida que fui avançando, fui-me sentindo mais cauteloso. Quando já tinham passado alguns meses sobre a última reportagem, publicada em dezembro [de 2020], AV decidiu publicar nas redes sociais um post em que fez um ataque direto à minha pessoa e onde inclui a minha fotografia<sup>8</sup>. Foi um post em que de alguma forma me desqualifica pessoal e profissionalmente. O desconforto não é tanto pelas palavras dele ou pelo que ele diz – porque não me interessam nem me perturbam particularmente, e está dentro do âmbito da liberdade expressão que eu reivindico para mim mesmo – a questão é que a mensagem tem um certo tom. Conferem àquilo que AV disse uma espécie de autoria moral (...). Porque ele conhece muito bem o partido, sabe perfeitamente que uma campanha deste tipo, visando um jornalista ou jornalistas, pode gerar entre os militantes mais fanáticos uma série de iniciativa ou de práticas. A verdade é que na sequência desse post começaram a aparecer nos fóruns do Chega – para além dos habituais insultos – mensagens do género “É preciso saber onde este tipo mora, por onde é que ele anda”, “É preciso dar-lhe uma lição”. E aí sim as minhas cautelas redobram-se. Até ali tinha sido o pão nosso de cada dia para quem investiga estas coisas (...). Mas o post de AV abriu outro tipo de preocupações.

Para Miguel Carvalho, o foco nos jornalistas como parte do combate político de AV constitui uma forma de intimidação:

Há diversos exemplos de intervenções públicas e mensagens deste género que ele foi usando ao longo do tempo e ele sabe perfeitamente do efeito a seguir. Ou seja, multiplica-se o ódio em relação a uma pessoa ou instituição, multiplicam-se as tentativas de intimidação – e acho que a campanha eleitoral [para as presidenciais de 2021] é um bom exemplo do que é que os jornalistas devem esperar nos próximos tempos.

De facto, a campanha para as presidenciais de 2021 ficou marcada por um clima de grande hostilidade em relação aos jornalistas por parte do partido político de extrema-direita, com ameaças presenciais e nas redes sociais.

8. <https://twitter.com/miguelcvissao/status/1362920489488900098?s=20>

A Comissão de Carteira Profissional dos Jornalistas (CCPJ), numa nota publicada no seu site no dia 28 de fevereiro de 2021<sup>9</sup>, relatou ter sido contactada pela missão da OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa) que estava a acompanhar a campanha eleitoral a convite do governo português e, nessa medida, decidiu promover um conjunto de audições a jornalistas que cobriram a campanha e o resultado “revelou um retrato bem mais preocupante do que davam conta as notícias”, sobre as ameaças de que foram alvo alguns jornalistas num jantar-comício em Braga. Nessa sequência, a CCPJ elaborou um relatório que remeteu às entidades competentes, entre as quais a Procuradoria-Geral da República ou a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC).

Leonete Botelho, presidente da CCPJ e jornalista com larga experiência na área da política, especifica alguns elementos desse ambiente de permanente hostilidade sentido pelos jornalistas que cobriam a campanha eleitoral:

Sou jornalista de política e, ao longo da minha vida, sempre houve problemas com políticos. Mas isso corresponde àquilo a que nós chamamos de pressões. Os políticos, sobretudo em altura de campanhas eleitorais, reclamam e acham sempre que os jornalistas estão contra eles. Isso é um tipo de pressão a que nós jornalistas, principalmente de política, estamos habituados. Por isso, aqui houve um salto, um degrau que foi ultrapassado. O nível de ameaças era mais difuso nas redes sociais, um *bullying* bastante forte contra os jornalistas de televisão. Nas salas onde os jornalistas entravam, em que eram vaiados, insultados, ameaçados. Esperas à porta, em que os jornalistas tiveram medo de sair todos juntos e tiveram que sair em grupos. Não houve ali um confronto físico com os jornalistas, mas houve um confronto verbal constante. Há como que um semear de ódio contra jornalistas, que é bastante preocupante, porque a determinado momento nós sabemos que um líder político, com o tom

9. <https://www.ccpj.pt/pt/deliberacoes/comunicados/>

certo, consegue incentivar uma multidão a fazer atos de violência de que ninguém está à espera (...). Houve jornalistas de rádio, televisões, os que foram afetados, o jornalista que levou com uma pedra no joelho, a que viu o seu carro danificado, as jornalistas que foram vilipendiadas nas redes sociais que nos contaram todo o ambiente da campanha.

Como nos mostra a literatura internacional sobre esta problemática, além da violação de direitos fundamentais, o assédio e as ameaças, *offline* e *online*, têm frequentemente efeitos diretos no posicionamento e no trabalho concreto dos jornalistas, o que inclui a desativação de contas nas redes sociais, o medo constante ao nível da esfera privada e familiar, a auto-censura e a relutância em cobrir assuntos e grupos que coloquem riscos ao nível da intimidação, os danos psicológicos, traumas mentais e stress emocional, ou até mesmo a decisão de abandonar a profissão (Nilsson & Örnebring, 2016, p. 887; Waisbord, 2020, p. 1038).

No entanto, para Miguel Carvalho, que admitiu uma maior cautela na sequência do ataque direto de AV nas redes sociais, o jornalismo de investigação não se pode deixar condicionar e, no seu caso concreto, a intimidação de que foi alvo não serviu como elemento dissuasor:

As pressões fazem parte disto. Cabe-nos resistir e ter estruturas editoriais e direções que não se incomodem com isso – porque esse suporte também é bastante importante (...). Mas o jornalismo tem de aprender a lidar com estas coisas (...). Pretendo fazer a cobertura da campanha eleitoral autárquica e obviamente que pretendo fazer a cobertura da campanha eleitoral do Chega. Se depender de mim fá-lo-ei. Não tenho de partir para o terreno pensando nas consequências porque senão já estou a autocensurar-me, já estou a dar prioridade a preocupações que um jornalista não deve ter. Se houver mais intimidação, mais ameaças, não é isso que me vai fazer sentir mais medo. Obviamente que na sequência do post [de AV] e das ameaças que recebi associadas a esse texto estou de sobre aviso. Para mim é estranho. Não é que não tenha sido

já ameaçado noutras circunstâncias, mas isto introduz uma linguagem nova e um tipo de combate político a que não estávamos habituados. Agora isto não é fator que me impeça de ir para o terreno e continuar a investigar e trabalhar as temáticas associadas ao Chega como fiz agora.

No que respeita ao processo produtivo de A Grande Ilusão, as ameaças e os insultos recebidos não afetaram diretamente a investigação jornalística, porque esta foi feita seguindo todas as exigências e requisitos, não deixando de lado matérias que pudessem suscitar reações hostis por parte dos apoiantes e militantes do partido em questão. Contudo, tiveram efeitos sobretudo ao nível do quotidiano do jornalista e, também, na projeção de trabalhos futuros: além da limitação das suas publicações no Twitter, de uma maior cautela na vida do dia-a-dia e de uma atenção redobrada às tentativas de destruição da sua credibilidade e reputação (o seu maior património), a vontade de retomar e de explorar as pontas soltas desta investigação esmorece face à perspetiva de um ambiente de toxicidade e de intimidação discursiva que coloque em causa o seu bem-estar psicológico e emocional.

### **Conclusão: a aliança entre o jornalismo de investigação e a academia no futuro**

Não obstante as consequências negativas trazidas por uma investigação jornalística que visou escrutinar uma força política emergente em Portugal e que mobiliza estratégias e uma lógica política e mediática muito semelhantes ao que podemos encontrar atualmente noutros contextos geográficos, o lucro social deste trabalho, os benefícios para a sociedade como um todo e os impactos de curto prazo que gerou<sup>10</sup>, bem como os frutos de uma discussão intergeracional que resultou da aliança entre o jornalismo e a academia, estão entre os êxitos que claramente suplantam as reações desde a mais virulenta animosidade até ao desconforto por parte das instituições, pouco preparadas para as subversões que o jornalismo de investigação comporta.

10. <https://www.publico.pt/2021/03/22/politica/noticia/multas-ate-10-mil-euros-falsas-fundacoes-1955201>; <https://sicnoticias.pt/pais/2021-01-12-Ministro-cabo-verdiano-demite-se-apos-revelacao-de-reportagem-da-SIC>; <https://expresso.pt/politica/2021-04-22-Madeira.-Governante-do-CDS-omitiu-emprestimo-ao-Tribunal-Constitucional-eaf5d0da>



Acreditamos, por isso, que um projeto com os contornos de A Grande Ilusão deve ter continuidade num futuro próximo. A era do jornalista de investigação solitário – inundado de informação, espalhada pela secretária e ainda por filtrar – permanentemente ao telefone, arredado dos demais, qual peça solta da redação, essa imagem já é um acaso e não prolonga a vida do jornalismo de investigação. No tempo da informação global, onde todas as peças se cruzam, o jornalismo exige competências vastas que ninguém, sozinho no seu mundo estanque, consegue abarcar. A colaboração entre jornalistas e entre órgãos de comunicação social prolonga a vida do jornalismo de investigação, porque agiganta a história, dá-lhe a escala que lhe permite resistir às inevitáveis pressões.

Neste capítulo analisámos a colaboração que resulta da aliança estratégica que o jornalismo de investigação estabeleceu com a academia. Assente nas mesmas regras que estruturam o jornalismo colaborativo, o nosso projeto recorre à parceria da academia, buscando o olhar externo e diverso (diversas gerações, diversos papéis), simultaneamente crítico e construtivo, que enriqueceu a história.

A experiência, porque há muito ansiávamos, valorizou-nos e impeliu-nos a estudarmos soluções que a engrandeçam.

Num mercado frágil como o português, dependente de uma meia dúzia de grandes anunciantes, demasiado permeável à ditadura das audiências, que, em todas as plataformas, corrói fronteiras entre informação e entretenimento, o jornalismo de investigação precisa de despontar, afirmando-se liberto de amarras. Para tal, tem, ao mesmo tempo, de ganhar escala e massa crítica.

Um consórcio de jornalistas de investigação portugueses, em aliança estratégica com a academia, pode ser a solução que salvguarde o futuro do jornalismo de investigação em Portugal.

A competição pelo exclusivo domina, ainda, as estratégias editoriais de plataformas concorrentes, provocando uma distorção de valores que tem reflexos diretos na qualidade do jornalismo produzido. As regras de funcionamento dos consórcios jornalísticos são transparentes e só os que as cumprem podem manter o vínculo. Em Portugal, não seria diferente.

A aliança estratégica com a academia poderia ser feita com os diversos mestrados em jornalismo onde existam seminários exclusivamente dedicados à investigação jornalística, associando-se os alunos, os professores desses seminários e – seguindo o trilha de cada investigação – associar-se-iam, igualmente, professores especializados nas áreas investigadas.

### **Agradecimentos**

Os autores agradecem, de modo particularmente reconhecido, a Maria Rodrigues e Rita Murtinho, bolsistas do projeto em análise, pela realização e transcrição das entrevistas a Leonete Botelho e Miguel Carvalho, a quem também agradecemos a disponibilidade para colaborarem com esta pesquisa.

### **Referências Bibliográficas**

- Anderson, D. & Benjaminson, P. (1976). *Investigative Reporting*. Bloomington and London: Indiana University Press.
- Coelho, P. (2015). *Jornalismo e mercado. Os novos desafios colocados à formação*. Covilhã: Livros LabCom.
- Coelho, P., & Silva, M. T. (2018). O lucro social e financeiro do jornalismo de investigação. *Media & Jornalismo*, 18(32), 73-94.
- Domingo, D., Quandt, T., Heinonen, A., Paulussen, S., Singer, J. B., & Vujnovic, M. (2008). Participatory journalism practices in the media and beyond: An international comparative study of initiatives in online newspapers, *Journalism Practice*, 2(3), 326-342.

- Garcia, J. L. (2009). Principais tendências de profissionalização dos jornalistas no período pós-transição democrática. In J. L. Garcia, *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses* (pp. 63-91). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Gellhorn, M. (2007). *A Face da Guerra*. Lisboa: D. Quixote.
- Hamilton, J. T. (2016). *Democracy's Detectives. The economics of investigative journalism*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Hoxha, A. (2019). Investigative Journalism. In T. P. Vos, & F. Hanusch, *The International Encyclopedia of Journalism Studies* (pp. 1-6). Wiley.
- Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2010). *Blur: How to Know What's True in the Age of Information Overload*. New York: Bloomsbury.
- Krämer, B., & Langmann, K. (2020). Professionalism as a Response to Right-Wing Populism? An Analysis of a Metajournalistic Discourse. *International Journal of Communication*, 14, 5643–5662.
- Kroeger, B. (2002). Journalism with a scholar's intent. *Zoned for Debate (essays)*. URL: <https://nyujournalismprojects.org/debate/forum.1.essay.kroeger.html> [acedido a 11.05.2021]
- McManus, J.H. (1994). *Market-driven journalism: let the citizen beware?* London: Sage.
- Meyer, P. (2004). *The Vanishing Newspaper: Saving Journalism in the Information Age*. University of Missouri Press.
- Neveu, É. (2005). *Sociologia do jornalismo*. Porto: Porto Editora.
- Nolan, D. (2008). Journalism, education and the formation of 'public subjects'. *Journalism*, 9(6), 733-749.
- Nilsson, M. L., & Örnebring, H. (2016). Journalism Under Threat. Intimidation and harassment of Swedish journalists. *Journalism Practice*, 10(7), 880–890.
- Platform to Promote the Protection of Journalism and Safety of Journalists. (2021). *Wanted! Real action for media freedom in Europe. Annual report 2021 by the partner organisations to the Council of Europe Platform to Promote the Protection of Journalism and Safety of Journalists*. Strasbourg: Council of Europe.

- Reese, S. D. (1999). The progressive potential of journalism education: recasting the academic versus professional debate. *The International Journal of Press/Politics*, 4(4), 70-94.
- Sambrook, R. (2017). *Global Teamwork: The Rise of Collaboration in Investigative Journalism*. URL: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/global-teamwork-rise-collaboration-investigative-journalism> [acedido a 11.05.2021]
- Starkman, D. (2014). *The Watchdog That Didn't Bark: The Financial Crisis and the Disappearance of Investigative Journalism*. Columbia: Columbia University Press.
- Waisbord, S. (2020). Mob Censorship: Online Harassment of US Journalists in Times of Digital Hate and Populism. *Digital Journalism*, 8(8), 1030–1046.
- Wolff, M. (2010). *The Man Who Owns the News, inside the secret world of Rupert Murdoch*. London: Vintage Books.